

CONTRIBUIÇÕES DO TEATRO DO OPRIMIDO PARA A FORMAÇÃO DA CIDADANIA: UM PARALELO ENTRE PRATICANTES E NÃO PRATICANTES

RÉGIS CAETANO RIVEIRO; FABIANE TEJADA DA SILVEIRA

*Universidade Federal de Pelotas – regisvasp@ibest.com.br
Universidade Federal de Pelotas – ftejadadasilveira@ig.com.br*

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem a intenção de analisar o processo de construção de conhecimento sobre o tema opressão entre jovens estudantes. A partir de minha experiência pessoal, antes e depois de fazer parte do projeto de extensão da Universidade Federal de Pelotas, TOCO (Teatro do Oprimido na Comunidade), pude perceber que meu entendimento sobre o que é opressão era muito raso e superficial - como se tratasse apenas “dos judeus contra o nazismo”, ou dos “escravos contra a escravidão”. Ao longo das reuniões e estudos sobre o teatro do oprimido e a obra de Augusto Boal pude ter uma compreensão mais clara sobre o que é opressão, e quais os mecanismos viáveis para lidar racionalmente com situações onde me sinto oprimido ou identifico uma cena de opressão.

Augusto Boal, criou as técnicas de Teatro do Oprimido e revolucionou o teatro brasileiro. Abalou a estrutura política principalmente nas décadas de setenta e oitenta, sendo ele um homem do povo que sempre lutava pelos ideais e para que sua arte se tornasse popular, lutou contra a repressão usando o teatro como uma arma para transformar a realidade. Durante a ditadura militar foi preso, mas isso ao invés de lhe tirar as possibilidades de ação lhe deu mais força para realizar seu trabalho. Foi um período histórico e triste para nosso país, onde a opressão era usada como método eficaz de controle da massa, e a cultura era usada pelos opressores para se perpetuar como verdade única – proibia-se produzir cultura quem se rebelasse contra aquela verdade – o que para Boal seria o extremo da opressão: “Quando a cultura de uma época ou país é universalmente aceita como sendo a melhor, única e mais perfeita, é porque a opressão ali é universalmente exercida, sem contestação” (BOAL, 2009, p.36). Muito aprendemos olhando para esse passado, as lutas sociais pela liberdade de expressão, a liberdade de ir e vir, e principalmente a liberdade de fazer política e votar. E foi uma grande conquista do povo livrar-se da ditadura, livrando-se também, virtualmente, da opressão institucionalizada. Porém, está visivelmente claro que a opressão não é algo que se pode extinguir apenas alterando um sistema político, ainda continuamos tendo grandes grupos de pessoas oprimidas pelo capital, por discriminações raciais, de gênero, entre outras.

Qual o legado que herdamos de tantas lutas sociais? Aprendemos a lutar por nossos direitos e levar uma vida mais digna, aprendemos a não baixar nossa cabeça para injustiças? Em minha opinião apenas uma parcela da população foi beneficiada por essa aprendizagem, aqueles que tem plena condição de acesso à educação, aqueles que estão aptos para o mercado de trabalho e consumo, e aqueles de famílias tradicionais, ou seja, a parcela privilegiada da população. Enquanto isso, aqueles que estavam à margem, continuam à margem, muitas vezes sofrendo opressões sem ter consentimento e nem consciência de que podem transformar sua realidade.

Boal teve grande êxito e reconhecimento a nível mundial não só como diretor, dramaturgo e professor de teatro, mas também como teórico, sistematizando a

metodologia do Teatro do Oprimido, e mais tarde a estética do oprimido, que pensa em cidadania como produto da cultura e cidadão como produtor cultural. “Nós, com a Estética do Oprimido, buscamos a nossa verdade: uma Arte Pedagógica inserida na realidade política e social, e dela parte! ” (BOAL 2009, p.32). As reflexões de Boal difundiram-se em vários países como uma importante ferramenta de conscientização popular na busca pela libertação e empoderamento das classes oprimidas.

Em um Brasil que sofria nas mãos de um regime militar, onde a arte era censurada, e até mesmo nos primeiros anos pós regime, quando as políticas públicas estavam sendo reconstituídas, as opressões eram explícitas e recorrentes. Isto fortaleceu o embrião do teatro do oprimido, que cresceu nutrindo-se da revolta contra a tirania e se estabeleceu grandiosamente, chamando atenção de diversas classes de artistas e educadores. Analisando o estado das coisas hoje em nosso país, observo que há mais acesso à educação, a distribuição de renda melhorou, os veículos de mídia e informação são mais rápidos, dinâmicos e democráticos, ainda assim percebe-se um grande descontentamento popular expresso em manifestações, protestos, greves e paralisações, muitas vezes fruto de situações opressoras.

Fazendo um comparativo entre o período da repressão e as manifestações atuais parece claro que os movimentos sociais naqueles tempos eram unificados em nome de um ideal comum, já que toda a sociedade sem exceções estava a mercê de um governo ditatorial. Enquanto hoje as lutas são separadas por níveis de interesse, cada grupo luta por seus direitos, enquanto a comunidade geral divide-se entre os que apoiam e os que discordam. Esse efeito acaba dispersando o sentimento de opressão e anestesiando o poder de criatividade, que seria um dispositivo de reação da sociedade contra os opressores.

No Projeto de Extensão TOCO procuramos resgatar o debate sobre as questões que hoje nos oprimem, atualizando este conceito.

2. METODOLOGIA

O projeto de extensão TOCO entende que a arte deve serpropriada pela comunidade, como defende Boal em seu último discurso em 2009, no dia internacional do teatro (27 de março), no Théâtre de Ville, em Paris, quando teve a alegria de receber da Unesco o título de Embaixador Mundial do Teatro: "Atores somos todos nós, e cidadão não é aquele que vive em sociedade: é aquele que a transforma". Arte tornando-se objeto de conhecimento comum a todos, possibilita a formação de pensamento sensível: que cria, produz e expressa os desejos de transformações das realidades sociais, almejadas pelos sujeitos.

O grupo atualmente formado por dez integrantes, alunos do curso de teatro-llicenciatura, e também de outros cursos, alguns já formados, agora em processo de pós-graduação, reúne-se semanalmente para discutir e praticar técnicas e exercícios do método criado por Boal, além de planejar a atuação junto à comunidade, e avaliar o que já foi feito. Já foram desenvolvidas ações em algumas comunidades como a colônia Z3 e bairro Dunas, e em eventos ligados a educação. Também mantemos atividades junto ao curso de educação popular Desafio pré-vestibular, iniciadas em 2014, onde jovens que estão se preparando para ingressar na Universidade tem a oportunidade de conhecer o teatro do oprimido.

Através da coleta de informações com entrevistas, questionário de pesquisa e depoimentos, realizadas com três alunos do Desafio que participam das oficinas, três que não participam, e três alunos de outro curso preparatório, a intenção é

verificar a eficiência da prática de teatro do oprimido na formação de um ser social mais justo, consciente e com voz ativa capacitada para transformação da realidade, em constante luta, usando como arma a arte e a palavra, para libertação dos oprimidos e pela sua própria libertação como indivíduo.

Este trabalho não tem a pretensão de dizer que o teatro do oprimido é a solução milagrosa para todos os problemas, a desigualdade social, o racismo, ou o servilismo. Ele se detém a avaliar apenas pequenas diferenças, sutis, mas perceptíveis, entre praticantes e não praticantes: como lidam com a opressão, como pensam ela, se a identificam, se reagem a ela, e de que forma.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante o ano de 2014 realizamos encontros semanais com um grupo de 15 alunos do Desafio pré-vestibular onde apresentamos o teatro do oprimido por meio de oficinas desenvolvidas pelos integrantes do projeto TOCO, e mostra de entrevistas com Augusto Boal e integrantes do CTO/Rio (centro de teatro do oprimido de Rio de Janeiro), depois trabalhamos em cima das técnicas de teatro imagem e teatro fórum, culminando com a montagem de uma cena de teatro fórum ao final do ano, apresentada para os estudantes, professores e funcionários do próprio curso.

Apesar dos encontros e das oficinas terem que acontecer de forma muito dinâmica e com o máximo possível de eficiência e rapidez, pois o tempo que dispomos é o intervalo entre os turnos da tarde e noite, o trabalho fluiu de forma surpreendente, atingindo bons resultados. Trabalhamos sobre opressões que estavam dentro da realidade social dos participantes, principalmente no convívio dentro daquele espaço de educação ao qual estão incluídos. No decorrer surgiram relatos, que eram usados nos exercícios, como discriminação de gênero ou abuso de autoridade por professor, entre outras.

Este ano as intervenções do TOCO no Desafio começaram em junho, e até o presente momento tivemos apenas seis encontros, mas já podemos notar uma fagulha, um interesse, não só pelo teatro, mas pelos exercícios onde se tornam agentes sociais para transformar processos de opressões, atuando no teatro para conhecer e atuando na realidade, para tornar-se autor de si mesmo, espectador de sua história e protagonista da sua vida.

O trabalho encontra-se em fase inicial, já que o objeto de estudo é o nível de compreensão dos iniciantes da prática de TO sobre como podem ser atuantes dentro da sociedade, e da sua história pessoal, e se há diferenças ou aproximações dessa mesma compreensão entre jovens não praticantes.

4. CONCLUSÕES

O teatro em si, para quem o pratica e quem o consome, é libertador do ponto de vista que mostra a realidade como é, deflagrando os problemas políticos e sociais, e ao mesmo tempo motivador porque pode mostrar uma realidade como gostaríamos que fosse. O teatro do oprimido tem qualidades que o tornam especial, ele é a representação da realidade em constante transformação, uma síntese do processo entre a realidade como é e como desejamos, e não admite que o espectador fique estático, o obriga a participar da transformação, chamando para a cena e incentivando a encontrar as soluções necessárias para ela.

O público se torna ator sem deixar de ser espectador, transforma-se em *espectator*. Ser humano se torna artista, ser social se transforma em cidadão.

Que o teatro do oprimido é uma importante arma para libertação está claro. O que meu trabalho se propõe é ressaltar a importância de sua prática na formação de jovens ainda em idade escolar, pelo menos uma vez, um breve contato, para que sejam sujeitos preparados para lutar por seus ideais sem usar agressões, para que não se tornem meros reprodutores da estupida e violenta opressão.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não-atores**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

_____. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2005. Edição revista.

_____. **A estética do oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.